O DEBATE EM TORNO DOS REALITY SHOWS

ARTIGO DE OPINIÃO

Controle remoto em mãos

Por Gislaine Buosi

Há os que assistem. Há os que não assistem. Há ainda os que assistem e não assumem que assistem. Entre tantas situações, o fato é que os reality shows já fazem parte da cultura televisiva – e não só do Brasil. Mais do que atacarmos ou defendermos os reality, é preciso entendermos esse fenômeno como um comportamento social, uma vez que observamos que as pessoas, dentro e fora da televisão, vivem, de certo modo, seus próprios reality shows.

E então a dúvida: por que tanta discussão em torno de programas que, confinando pessoas, exibem seus corpos e popularizam suas relações? Ora, se a vida do cidadão comum, em diversas ocasiões de seu cotidiano, também é vigiada por um número cada vez maior de câmeras de segurança, de paus de selfie e de redes sociais (onde se multiplicam postagens para todo o gosto), parece excessivo elegermos o reality show como o vilão da degradação moral. É mais justo repartirmos as responsabilidades – que se distribua, afinal, a cada um sua merecida dose de culpa.

Assim, mais do que procurarmos culpados e atribuirmos responsabilidades apenas às emissoras de televisão e aos fanáticos dos reality shows – que, sem dúvida, deveriam, ambos, rever sua programação – cabe à família, que tem o controle remoto em mãos, mudar de canal, fazer escolhas e decidir o tipo de conteúdo que deseja consumir.

Os mais jovens que me perdoem... mas tenho uma saudade do Tom e Jerry!